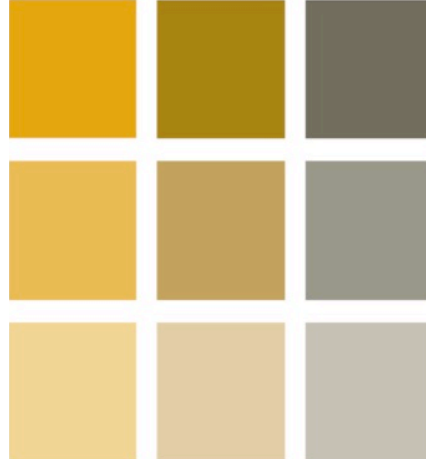


Universidade Federal de São Paulo  
**Campus Zona Leste**  
Instituto das Cidades



## **Marcos Antonio de Moraes Xavier, Geógrafo**

Doutor pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

**1º colocado no Processo Seletivo de Redistribuição nº 01/2017 da Unifesp.**

**TEMA: Planejamento Urbano e Regional: Infraestrutura urbana e regional**

Resultado homologado no dia 12/01/2018.

### *Pode se apresentar brevemente, contando sua trajetória acadêmica e profissional?*

Sou geógrafo graduado e mestre pela Universidade de São Paulo e doutor pela Universidade Estadual de Campinas. Na graduação e no mestrado, a vivência no Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental do Departamento de Geografia/USP – LABOPLAN, sob orientação de Milton Santos, tive a oportunidade de participar de um esforço coletivo de docentes e estudantes movidos pela certeza de ser possível contribuir para pensar um Brasil diferente por meio de uma geografia crítica, humanista e socialmente generosa. Em meu mestrado e doutorado me dediquei a temas relacionados ao uso corporativo do território e suas implicações urbanas e regionais, destacando a seletividade das modernizações que agravam as desigualdades sócio-espaciais. Em 2000, ingressei como docente no curso de Relações Internacionais da Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo, onde pude estabelecer um rico debate interdisciplinar. Contribuí para a criação do Laboratório de Análises Internacionais no qual desenvolvi os projetos Logística e uso internacional do território e Cidades em Relações Internacionais. Em 2010, me engajei na empreitada de participar da fundação de uma nova universidade, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, em Foz do Iguaçu – PR. Uma universidade que resultou da importante

iniciativa do governo federal de promover a interiorização do acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, bem como de viabilizar a integração latino-americana em base solidária, comprometida com um continente socialmente justo, livre e soberano. Participei intensamente de seu processo de institucionalização, ocupando diferentes postos administrativos, dentre os quais a pró-reitoria de graduação. Também participei da criação do curso de Geografia e da redação de seu projeto pedagógico. Nessa universidade, tive a oportunidade de pesquisar o uso do território pelo agronegócio e suas implicações para as cidades e o campo no Oeste Paranaense. Além desses problemas de investigação, também tenho me dedicado a refletir sobre a relação entre lugar, corporeidade e uso democrático do território.

*Como você se interessou em ser professor no Campus Zona Leste da Unifesp e o que vê de potencial no Projeto Político Pedagógico do Instituto das Cidades?*

Meu contato com o Instituto das Cidades ocorreu em 2014, quando fui convidado para participar da consulta realizada no processo de elaboração de seu projeto político pedagógico. O caráter inovador e socialmente comprometido da proposta me chamou muito a atenção. Desde de então, tenho cooperado para a consolidação deste projeto. Contribuí com a redação final do Projeto Político Pedagógico do IC e coordenei a redação do Projeto Político Pedagógico do futuro curso de Bacharelado em Geografia, em parceria com o professor Jorge Barcellos. Em um período conturbado no qual o futuro se anuncia como uma reprodução agravada do presente, o Instituto das Cidades apresenta um significativo potencial para ajudar a pensar e agir em prol de outros futuros nos quais as cidades sejam dedicadas ao bem estar de seus habitantes e não ao mercado. Nesse sentido, o IC também cumprirá um papel fundamental, contribuindo para ampliar e aprimorar a função social da universidade pública, na medida em que não apenas resulta das lutas sociais dos movimentos da Zona Leste, mas também por se propor dialogar com estes mesmos movimentos, buscando encontrar os meios teóricos, técnicos e políticos para a solução dos problemas urbanos. Acrescento a tudo isso a possibilidade ímpar de futuramente o IC formar geógrafos bacharéis que, segundo uma perspectiva colaborativa e convergente, poderá avançar com o papel ativo da geografia na produção de conhecimentos críticos e propositivos e com maior participação profissional na gestão pública e nos movimentos sociais, retomando o espaço do geográfico no planejamento urbano e territorial.

*Em linhas gerais, qual a proposta de ensino, pesquisa e extensão que você apresentou no concurso? No que ela poderá colaborar com o Instituto e com a Zona Leste?*

Minha proposta tem como preocupação central trabalhar a diversidade do território como pressuposto e condição de realização da democracia. É urgente pensar na democratização da estruturação e do uso do território, uma vez que a maneira como as

infraestruturas e serviços estão espacialmente distribuídos incide nas condições de existência da população e, logo, corresponde a uma condição indispensável à cidadania. Para tanto, a multiescalaridade dos processos socioeconômicos e culturais devem ser levados em conta no processo político. Considero, no entanto, que a escala do lugar é aquela que melhor traduz a questão, pois é nela que efetivamente vivemos juntos, onde compartilhamos os problemas e podemos edificar outros futuros. Que limites os lugares impõe à efetividade e à eficiência à política, sobretudo aquela territorialmente mais abrangente proposta pelas instâncias estaduais e federais? Quais as possibilidades de pensar a política a partir dos lugares? O objetivo geral é analisar a aplicação concreta de políticas públicas nos lugares e suas implicações na interface com os mesmos. Identificar os limites, adequações e possibilidades postos pelos lugares. Contribuir para investigar e encontrar os meios que considerem a diversidade dos lugares como uma variável-chave da política e seus habitantes como sujeitos e interlocutores. Tal proposta pretende tratar da elaboração e aplicação de políticas públicas a serem selecionadas e suas interfaces com a realidade dos lugares. A própria Zona Leste é um campo fértil de investigação e interlocução, podendo ajudar a compreender melhor os processos mais gerais da metropolização e periferização características do Brasil e da América Latina. Poderá revelar o território como norma, na escala do lugar, ou seja, um limite à racionalidade da política dominante, mas também uma escala cuja própria configuração do espaço e a coexistência daqueles que o habitam apresenta um potencial político emancipatório.

*Temos agora um enorme desafio de continuar a implantação desse Campus num contexto adverso à expansão da universidade pública. Como vê essa situação e como podemos fazer frente à ela?*

Não há dúvida de que vivemos um contexto crítico para a manutenção e expansão da universidade pública. Mas esta situação adversa também é um rico momento de revisão da universidade brasileira que necessita repensar sua função social e ampliar seu compromisso e atuação em benefício de um futuro melhor para o Brasil, justificando dessa forma sua defesa por parte da sociedade. O Instituto das Cidades, nesse contexto, pode contribuir para a emergência de uma nova configuração de universidade, pois além de resultar das lutas populares da Zona Leste, apresenta um grande potencial de rica interlocução com a sociedade, promovendo uma aproximação capaz de gerar um mútuo sentimento de pertencimento e identidade, de produzir conhecimentos que sejam, ao mesmo tempo, cientificamente rigorosos e socialmente pertinentes e de formar profissionais comprometidos com a transformação da realidade. O Instituto das Cidades pode contar com o apoio dos moradores da Zona Leste e de seus movimentos populares na luta para que sua implantação tenha pleno êxito.